

CRÔNICA

MARIA WERNECK DE CASTRO (*1905 + 2000)

Conheci a Dona Maria em 1972, apresentada pelo botânico – paisagista Dimitri Sucre, na entrada do Departamento de Botânica Sistemática do Jardim botânico do Rio de Janeiro. Desde então ficamos amigos e trabalhando em estreita colaboração por mais de 20 anos. Viúva e sem filhos, muito modesta, pediu-me que a chamasse simplesmente de Maria. Quando vi em andamento e depois prontas as suas primeiras aquarelas de caiapiás (*Dorstenia*) – ervas medicinais e ameaçadas de extinção – não pude conter o meu espanto pela mestria e acurada execução da complicada morfologia das dorstênias nos seus pormenores. Jamais vira tanta perfeição numa aquarela de planta !

Nasceu em Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, oriunda de família tradicional de antigos fazendeiros de café, nobres do Império, em 24 de agosto de 1905. A família mudou-se cedo para Blumenau, Santa Catarina, onde ainda menina desenvolveu habilidade manual no colégio da colônia alemã. Aos 15 anos teve aulas particulares com a professora Alice Werner – a Frau Werner, como era chamada. Na década de 40 veio para o Rio de Janeiro e realizou desenhos de anatomia patológica sob a orientação do Professor Raimundo Honório, ilustrador científico do Instituto Oswaldo Cruz: Adolfo Lutz e Carlos Chagas, da Universidade do Rio de Janeiro. Assim a Dona Maria iniciou a sua carreira de ilustradora técnica, aperfeiçoando-se cada dia mais. Em janeiro de 1959 mudou-se para Brasília, a nova capital do país, como funcionária da Caixa Econômica Federal. Passou então a ilustrar plantas do cerrado, excursionando e dirigindo o seu próprio jipe, para melhor observar as plantas na Natureza. Seus orientadores foram os botânicos Ezequias Paulo Heringer e Guido Frederico Pabst. Colaborou nessa época com o Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Em 1972 retornou ao Rio de Janeiro, para trabalhar como simples estagiária no Herbário Alberto Castellanos, Estrada da Vista Chinesa, Alto da Boa Vista, ilustrando muitas plantas do Maciço da Tijuca, principalmente as ameaçadas de extinção, o que se tornou a sua especialidade. Várias dessas plantas transformaram-se em selos para a Empresa de Correios e Telégrafos, todas elas nativas no Brasil e existentes na floresta dos arredores do herbário, a Reserva Florestal “Vista Chinesa”. Entrando nos oitenta anos, Dona Maria passou a trabalhar em casa, recebendo as plantas vivas. Seu irmão Moacyr sempre a apoiou em todos os momentos, especialmente quando havia problemas de saúde, como na ocasião em que ela sofreu um acidente e teve imobilizado justamente o seu braço direito. Duas semanas antes do seu falecimento visitei-a com a botânica Elizabeth Rocha, demonstrando ela uma lucidez extraordinária, dentro dos seus 94 anos bem vividos. Faleceu dormindo, entre 4 e 6 horas da manhã, no Domingo 12 de março de 2000. Durante o seu enterro, no Cemitério São João Batista, chovia a cântaros. Dulce Therezinha do Nascimento representou suas inúmeras alunas e o autor desta crônica, os botânicos que com ela colaboraram.

Maria Werneck sempre afirmou que o artista científico deve trabalhar em estreita colaboração com biólogos, pois os dois trabalhos se completam. Ela transmitiu seus conhecimentos a toda uma nova geração de artistas, ilustradores botânicos principalmente, destacando-se Vania Aida, Dulce Therezinha do Nascimento, Paulo Ormino, Isis Braga, Irmgard Shanner e vários outros. Seus desenhos foram expostos na Casa Rui Barbosa, Herbário Alberto Castellanos, Rio de Janeiro; também em Brasília e no exterior como em Pittsburgh, E.U.A.; Copenhague, Dinamarca; Tóquio, Japão; Cidade do Cabo, África do Sul; além de outras cidades. Seu maior acervo acha-se guardado na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, mas também no Herbário Alberto Castellanos, na Carnegie Mellon University; assim como em outras instituições oficiais e com particulares. Segundo Vania Aida Viana de Paula ela fazia seus desenhos na técnica de aquarela com o chamado “pincel seco”, onde a tinta é aplicada passo a passo. É como se ela fosse construindo célula por célula, e se olhassem seu original com uma lupa de grande aumento, continuariam observando cada pormenor. O resultado era fabuloso! A impressão que se tinha é de que as plantas estavam vivas sobre o papel. O valor de sua obra é tal que a Biblioteca do Congresso, em Washington, a maior do mundo, até hoje expôs trabalhos de apenas dois brasileiros: Maria Werneck de Castro e Cândido Portinari. Aqui no Rio de Janeiro a Dona Maria Werneck residiu em Copacabana, na rua Anita Garibaldi (a heroína de dois mundos), onde abria as portas para biólogos, artistas e amantes da Natureza. Sua conversa era sempre espirituosa, inteligente, agradável, capaz de prender as pessoas na sua casa. Cozinhava muito bem e jamais comi um frango tão bem preparado quanto o que ela fazia, sem falar na salada especial de couve-de-bruxelas. Entretanto, a maior qualidade da Dona Maria, a meu ver, foi a humildade. Jamais deixou-se inocular pelo veneno de julgar-se em gênio na arte ou na ciência, um mal incurável: mas foi as duas coisas: aliava a sensibilidade artística a uma acurada observação científica, por isso tornou-se a maior aquarelista de plantas brasileiras e uma das maiores ilustradoras botânicas do mundo, assim como Margareth Mee o foi no guache. Uma espécie nova da família das moráceas recebeu o nome de *Ficus mariaae* em sua homenagem.

Apresento aqui espécies ilustradas por Dona Maria, talvez apenas 10% do total, porém as mais conhecidas pela divulgação em livros, revistas, jornais e exposições.

<i>Anemopaegma arvensis</i>	<i>D. bowmania</i>	<i>F. insipida</i>
<i>Bauhinia forficata</i>	<i>D. cayapia</i> (feminina)	<i>F. mysorensis</i>
<i>Cacicus cacicus cela</i> (xexéu)	<i>D. cayapia</i> (masculina)	<i>Heliconia</i> (várias espécies)
<i>Ceiba burchellii</i>	<i>D. elata</i>	<i>Hevea brasiliensis</i> (vários desenhos)
<i>Chorisia speciosa</i>	<i>D. ficus</i>	<i>Hibiscus trilineatus</i>
<i>Clusia lanceolata</i>	<i>D. heringeri</i>	<i>Leontopithecus rosalia</i>
<i>Cyrtopodium eugenii</i>	<i>D. milaneziana</i>	Malpighiaceae
<i>C. falcilobum</i>	<i>D. ramosa</i>	<i>Manilkara subsericea</i>
<i>C. pallidum</i>	<i>D. schulzii</i>	<i>Norantea brasiliensis</i>
<i>C. paludicolum</i>	<i>D. tenuis</i>	<i>Olea europea</i>
<i>C. purpureum</i>	<i>D. turneraefolia</i>	<i>Oncidium crispum</i>
<i>C. saintlegerianum</i>	<i>D. vitifolia</i>	<i>O. macropetalum</i>
<i>C. virescens</i>	<i>Epidendrum ensiformis</i>	<i>Pavonia alnifolia</i>
<i>Dalechampia caperonioides</i>	<i>E. fragrans</i>	<i>P. multiflora</i>
<i>Dorstenia alberti</i>	<i>Epistephium sclerophyllum</i>	<i>Rhamphastos toco</i>
<i>D. amazonica</i>	<i>Eugenia copacabanensis</i>	<i>Tecoma caraiba</i>
<i>D. arifolia</i>	<i>E. nitida</i>	<i>Tibouchina candoleana</i>
<i>D. asaroides</i> var. <i>asaroides</i>	<i>Eulophia alta</i>	<i>Tocoyena bullata</i>
<i>D. asaroides</i> var. <i>celiae</i>	<i>Ficus auriculata</i>	<i>Urera mitis</i>
<i>D. bahiensis</i>	<i>F. carica</i>	<i>Vellozia flavicans</i>
<i>D. bonijesu</i>	<i>F. enormis</i>	<i>Vitis vinifera</i>

Como subsídios sobre a vida e obra de Maria Werneck de Castro indico as obras abaixo.

- Alcure, L. Trindade, L. & Castro, M.W. de A flora em extinção preservada em aquarelas. *Revista Geográfica Universal* 170: 22 – 29, 1989.
- Berg, C.C., Mello Filho, L. E. de & Carauta, J.P.P. *Ficus mariae* (Moraceae), nova espécie sul-americana. *Bradea* 8(20): 111 – 113, 1999.
- Carauta, J.P.P. Plantas da Bíblia, pequeno comentário. *Atas Soc. Bot. Brasil, RJ* 1(10): 47 – 54, 1983 (*Olea europea* p. 51).
- Carauta, J.P.P. & Valente, M. da C. *Dorstenia* L. (Moraceae) Notas complementares IV. *Atas Soc. Bot. Brasil RJ* 1(20): 111 – 122, 1983 (*Dorstenia asaroides* var. *celiae* p. 119)
- Carauta, J.P.P. *Ficus* Moraceae do Brasil, conservação e taxonomia. *Albertoa* 2:1 – 365, 1989 (*Ficus enormis* p. 87, *F. insipida* p. 210 e *F. mysorensis* p. 229)
- Carauta, J.P.P. Moraceae da Reserva Florestal Estadual da Vista Chinesa, Rio de Janeiro. *Albertoa* 3(19): 193 – 221, 1993. (*Dorstenia turneraefolia* p. 204, *D. ramosa* p. 205 e *Ficus insipida* p. 210)
- Carauta, J.P.P. & Castro, M.W. de Plantas em perigo de extinção: *Dorstenia*. *Flora, Alguns Estudos I*, FEEMA, Série trabalhos técnicos 1/82: 29 – 65, 1982.
- Castro, M.W. de *Aquarelas, espécies vegetais em extinção*. Rio de Janeiro, Editora Salamandra, 1987, p.11.
- Di Maio, F.R., Botelho, R., Silva, M. & Araújo, T.N. de *Espécies ameaçadas de extinção no Município do Rio de Janeiro. Flora e fauna*. Prefeitura do Rio, Secretaria de Meio Ambiente, Rio de Janeiro, 2000, 68p.
- Empresa de Correios e Telégrafos. Entrevista – Maria Werneck. *Correio Filatélico* 8(91): 18 – 19, 1984.
- Freitas, J.B. de A mata do Rio têm plantas originais e exclusivas. *Jornal do Brasil, Cidade*, Rio de Janeiro, p.6, 21 VIII 1987.
- GDF-SEC, Fundação Cultural do Distrito Federal 8 – 17 I 1971.
- Lawrence, G.H.M. A selection of 20 th Century Botanical Art & Illustration presented at XI International Botanical Congress, August 1969: 160 – 161, 1969.
- Maia, F. A Margareth Mee da floresta de concreto. *O Globo*, Zona Sul, Rio de Janeiro, p. 29, 8 IX 1994.
- Martim, A. Estas plantas estão à morte. *O Globo*, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, p. 1, 4 XI 1987.
- Orsini, E. Maria Werneck doa 46 desenhos científicos à Biblioteca Nacional. *O Globo*, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, p.2, 29 X 1994.
- Viana de Paula, V.A. A arte científica de Maria Werneck de Castro saindo do esquecimento. *Anais do 3º Encontro do Mestrado em História da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ*, 1995: 1-7, 247-250, 1996.

J. P. P. Carauta

Caixa postal 34031, Rio de Janeiro, RJ. 22462-970, Brasil.